



## EM DEFESA DA ESCOLA DE SURDOS: OS PROCESSOS DE ESCOLARIZAÇÃO E DESESCOLARIZAÇÃO DA ESCOLA

VIOLETA PORTO MORAES<sup>1</sup>;  
MADALENA KLEIN<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas– violetapmoraes@gmail.com

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas– kleinmada@hotmail.com

### 1. INTRODUÇÃO

O que se tem, na atualidade, como indicação de escolarização para os surdos, tanto na escola de surdos quanto nas escolas regulares, é a “obrigatoriedade” de se oferecer um ensino pautado por uma metodologia bilíngue: Língua Brasileira de Sinais (Libras) e Língua Portuguesa. Nos últimos anos a educação bilíngue para surdos vem se tornando consensual, quando se trata de educação de surdos. Os surdos atuantes no movimento surdo reiteram o seu entendimento de educação bilíngue, efetivado na sua língua natural–Libras– e o Português na modalidade escrita como segunda língua. Segundo documentos elaborados pelo Ministério da Educação, a educação bilíngue também é efetivada nas duas línguas, porém, percebe-se uma ênfase na língua portuguesa. Ambos os significados reduzem a educação de surdos a uma mera questão linguística. Nesse sentido, a educação bilíngue está sendo constituída em uma arena de lutas por significação dos “ideais” construídos ora pelo Ministério da Educação, ora pelo movimento surdo. De certa forma, para além de uma metodologia de ensino, a educação bilíngue vem delimitando um jeito de ser escola de surdos que reduz a potencialidade de escola que estes espaços podem ter/ser.

Aproximei-me dos estudos de Jan Masschelein e Maarten Simons para pensar a escola, pois queria entender o lugar do ensino e do professor nas escolas de surdos e, principalmente, porque a problemática por eles colocada para o desenvolvimento dos estudos - “o que faz da escola uma escola?” - de certa forma, movimenta a minha pesquisa. Esses autores se colocam em defesa da escola (assim como eu também), em defesa do que eles chamam do escolar da escola. Eles trabalham o conceito de escola a partir de características que formam o escolar da escola e daquilo que tentam “domar” essa forma do escolar, que podem ser vistos como movimentos de desescolarização da escola.

Essa discussão, feita pelos autores anteriormente mencionados, está embasada nos estudos de Hanna Arendt a respeito da crise da educação. ARENDT (2005) apresenta três pressupostos para entender a crise: (1) o abandono da infância à própria sorte, ou seja, com a perda de autoridade do adulto, a criança (os recém chegados) tornam-se os próprios responsáveis pelos seus inícios no mundo; (2) a precária formação dos professores e (3) o pragmatismo educacional tem relação com a ideia de que a educação serve para aprender a fazer algo, podendo acrescentar, aqui, a ênfase naquilo que BIESTA (2013) chama de “linguagem da aprendizagem”; e, junto a isso, o enfraquecimento da figura do professor como aquele que tem o domínio da matéria pois, nesse contexto, o seu saber não tem valor. Estes fatores podem colaborar para entender a crise da educação no presente. Para ARENDT (2005) todos são capazes de inícios em um mundo que é composto de pluralidade. Vir ao mundo só é possível por meio da ação com outros que não são como nós, mas que também são iniciadores no mundo. Por essa razão, “estar isolado é ser

privado da capacidade de agir” (ARENDT, 2005). O desafio da escola, pensando por essa lógica, será o de não impor inícios aos outros e sim possibilitar que novos inícios aconteçam no compartilhamento de um bem comum *com* outros. Além do mais, a escola tem a função de lançar o novo que vem do espaço privado da família para o mundo público.

Quando se discute educação de surdos, é consenso a importância que a língua de sinais adquire dentro dos mais diferentes contextos, e a escola de surdos não foge a essa regra. Pode-se dizer que a escola de surdos é o lugar onde a maioria dos surdos, oriundos de famílias ouvintes, tem e/ou terão o primeiro contato com a língua de sinais. A escola de surdos vem sendo produzida enquanto o espaço que possibilita ao surdo reconhecer-se como um sujeito de uma minoria linguística, pertencente a uma comunidade, até então, por muitos deles, desconhecida.

MASSCHELEIN (2017) faz uma discussão a respeito da língua compartilhada na escola, que é aquela conhecida como a língua de instrução, por meio da qual os estudantes aprendem as coisas do mundo, os significados do mundo. Então, a língua que circula é uma língua artificial, produzida para dar conta de questões pedagógicas na busca de compartilhar os significados do mundo. A língua da escola se diferencia do significado de língua “natural”, pois ela é “feita”, e se diferencia da língua de antes da escola, da língua da família, como também, diferencia-se da língua do “depois” da escola. Essa língua tem como função “tornar a todos estudantes”, nesse espaço-tempo de compartilhamento dos significados do mundo, onde seja possibilitado a eles dar sentido ao mundo. O risco de trazer a língua do mundo ou a língua da família para a escola é torná-la apenas espaço de socialização e, de certa forma, de reprodução dos mundos de fora para dentro da escola.

Para os surdos, a escola de surdos é o lugar do encontro com “a língua”, pois, a língua da família, na maioria das vezes, não possibilita a identificação e pertencimento, pois essa língua é de outra modalidade (oral-auditiva), o que impossibilita o compartilhamento de signos próprios do espaço da família pelos sujeitos surdos. Quando eles chegam à escola de surdos é possível a experiência da identificação linguística, pois a língua que circula nesse espaço é de uma modalidade viso-espacial, que lhes possibilita adentrar a um espaço de compartilhamento de signos. A escola de surdos acaba por desempenhar uma dupla função: tomar a responsabilidade do que é da família, do privado, e lançar os estudantes no mundo que é público. Dessa maneira, é produzido um alongamento daquilo que é da família e se adentra naquilo que é da escola.

## 2. METODOLOGIA

Para este empreendimento de pesquisa de doutorado, analiso os Regimentos Escolares, os Projetos Políticos Pedagógicos, bem como as respostas de três<sup>1</sup> perguntas de entrevistas feitas aos estudantes e três<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> Por que você estuda nesta escola e não em outra?; Você lembra de algum professor, ou algum momento importante na sua vida na escola? Por quê? (solicitar que descreva o que foi importante); O que você considera importante em uma escola de surdos? Sua escola tem? O que ainda falta nesta escola?

<sup>2</sup> Como a escola contribui para a formação do aluno?; Que momentos ou coisas você considera importantes na escola?; O que faz desta escola uma escola de surdos? O que faz dessa escola uma escola bilíngue?



perguntas feitas aos professores das 13 escolas<sup>3</sup> de surdos do Rio Grande do Sul com o objetivo de perceber as características da escola de surdos que ora a aproxima da forma escolar e ora de critérios que podem estar apresentando processos de desescolarização da escola. Diante do que vem sendo discutido sobre a educação de surdos, tenho como hipótese que a escola de surdos constitui-se como o espaço da reafirmação de uma comunidade de comum identitário, inscrito no mesmo, em que está presente o acolhimento de uma “segunda família”, o que impossibilita a suspensão, a profanação e a vinda ao mundo dos estudantes.

Para tanto, criei, baseada nos estudos de SALDARRIAGA (2003), uma matriz da escola para olhar para a escola de surdos. Essa matriz constitui uma estrutura que possibilita analisar a escola e identificar suas características a partir de dois eixos: um eixo que vai do comum ao particular da vida dos surdos, o que marca as suas particularidades, identidades; e, um outro eixo que compreende um fim de formação intelectual (práticas de ensino, formação, educação, aprendizagem) e um fim moral (tecnologias organizativas, regras de conduta, relação com o social, disciplina) e ao centro dos dois eixos, os debates sobre a(s) línguas(s) que provocam movimentos de tensão entre ambos.

Esses critérios trazidos por MASSCHELEIN; SIMONS (2015), pautados nos estudos de Hanna Arendt, constituem o escolar da escola como o lugar do tempo para o estudo e para a prática. Porém, o caráter escolar da escola de surdos, até então analisada nas pesquisas as quais me aproximei como lugar de reafirmação e fortalecimento da comunidade, retoma um processo de desescolarização. Como também, o enfraquecimento das fronteiras com a família, os fins da educação entrelaçados com a preparação para o trabalho, o tempo tornado produtivo, o desenvolvimento de competências centrado nas individualidades, contribuem para esse movimento de desescolarização da escola.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Antes de fazer uma aproximação aos dados coletados e dar um direcionamento ao objetivo da pesquisa em conjunto com a elaboração da matriz para análise, tinha como hipótese que os materiais mostrariam mais uma vez a escola de surdos como o espaço do fortalecimento da comunidade surda marcada pela identidade, como reiteradamente afirmado na literatura da área. Não que isto não apareça, porém o que vem ocupando mais centralidade são: as marcas das práticas de ensino atreladas as organizações dos rituais do cotidiano nos discursos dos estudantes; a presença do desenvolvimento das habilidades dos estudantes, da criação de ambientes de aprendizagem, da preparação para o mercado de trabalho, entre outros critérios presentes nos demais materiais e que desestabilizam o conceito de escola de surdos que eu mesma tinha e que as pesquisas anteriores apresentavam até então. Mas, o que movimenta a escola de surdos, o que estabelece critérios para o ensino, para a organização das turmas, as relações entre os sujeitos da comunidade escolar é a língua. Em alguns momentos, a língua de sinais tensiona esses espaços e noutros a língua portuguesa, como o grande desafio para as metodologias de ensino. Em outras palavras, o uso da Libras é condição *sine qua non* para estar/permanecer/viver

---

<sup>3</sup> No estado do Rio Grande do Sul estão localizadas 13 escolas específicas para surdos, públicas e privadas, distribuídas da seguinte forma: 4 escolas na capital, 4 escolas da região metropolitana de Porto Alegre e 5 escolas do interior do Estado.



a/na escola de surdos, e a língua portuguesa, na modalidade escrita, é critério para aprendizagem de toda matéria oferecida pela escola, como também para preparação para o mundo.

O próximo passo, no desenvolvimento da pesquisa, diz respeito às quatro unidades de análise que serão construídas a partir dos efeitos produzidos do cruzamento entre os eixos que compõe a matriz.

O que venho observando como um outro jeito de narrar a escola de surdos, vem sendo produzido nos discursos dos estudantes, pois vejo uma necessidade de “ser ensinados” e a importância da figura do professor como aquele que ensina.

#### 4. CONCLUSÕES

Essa pesquisa de doutorado encontra-se na fase de análise de dados e constante aprofundamento teórico. Movimentar questões relacionadas às escolas de surdos com foco nas características de escola, junto aos conceitos trabalhados, são os fatores que contribuem para certa inovação do trabalho.

Num movimento de aproximação a pesquisas que trazem a escola de surdos nas suas análises, percebi que a escola não é central na discussão, mas é lócus para olhar práticas curriculares e constituição dos sujeitos.

O entendimento de escola ao qual este projeto está filiado distancia-se dos modos como a escola de surdos vem sendo narrada, porém não os nega, mas busca, também, por meio deles, entender as características da escola de surdos. Porém, tomam outra configuração, a partir do meu olhar e dos meus objetivos acerca das escolas de surdos.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARENDT, H. **Entre o passado e o futuro**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

BIESTA, G. **Para além da aprendizagem**. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2013.

MASSCHELEIN, J. A língua da escola: alienante ou emancipadora? In: LARROSA, J. (Org.). **Elogio da escola**. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2017.

MASSCHELEIN, J; SIMONS, M. **A pedagogia, a democracia, a escola**. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2014.

SALDARRIAGA, O. **Del oficio del maestro: practices y teorías de la pedagogía moderna en Colombia**. Bogotá: Coopertativa Editorial Magisterio – GHPP, 2003.